

**PARQUE ESTADUAL DA ILHA ANCHIETA –
LEVANTAMENTO DA QUALIDADE DA EXPERIÊNCIA DO VISITANTE¹**

ILHA ANCHIETA STATE PARK – VISITOR EXPERIENCE QUALITY ASSESSMENT

Silvia Yochie KATAOKA²; Teresa Cristina MAGRO²;
Léa Yamaguchi DOBBERT³; Luísa MACIEL²;
Demóstenes Ferreira da SILVA FILHO^{2,4}

RESUMO – A experiência de visitantes em uma área natural protegida pode ocorrer de forma diversificada entre diferentes públicos, associada à própria maneira de avaliar a experiência e às expectativas iniciais. Fatores culturais, contexto socioeconômico e o grau de familiaridade dos diferentes indivíduos com o meio natural são determinantes à maneira com a qual eles recebem e percebem os benefícios de seus contatos com uma Unidade de Conservação. O Parque Estadual da Ilha Anchieta – PEIA foi eleito como área deste estudo por reunir a qualidade de praia e de ilha, dois fatores associados a expectativas relativamente diferentes, uma vez que ilhas sugerem sensação de isolamento e distância do cotidiano e praias estão mais associadas ao convívio social e atividades recreativas. Com o objetivo de compreender as relações entre o visitante e as áreas naturais e fornecer ferramentas ao manejo do uso público no Parque em questão, foram feitas entrevistas com visitantes durante a alta temporada de visitação do ano de 2004. Os resultados referentes às motivações e avaliações de aspectos de suas visitas revelam a existência de dois principais grupos de frequentadores que apresentam visões e comportamentos conflitantes. Entretanto, ao mesmo tempo em que o Parque recebe visitantes tão diversificados, a apreciação do contato com o ambiente natural se mostrou como um elo entre ambos, viabilizando ações de manejo do uso público que amplifiquem a qualidade da experiência de todos os visitantes com o ambiente natural.

Palavras-chave: manejo do uso público; percepção ambiental; qualidade da experiência de visitação.

ABSTRACT – A Visitor experience in a natural protected area may occur differently among a different public, being associated to the way they evaluate their own experience and their first expectations. Cultural factors, social economic context and familiarity degree of the natural environment are crucial for how individuals receive and perceive the benefits of their contacts to a Protected Area. The State Park of Ilha Anchieta – PEIA was the study area elected for joining the quality and the isolation expectations within some people while providing rich scenery for recreational activities, related to social activities at a coastal environment. Reaching the comprehension of the relationship between the visitor and natural areas in order to provide tools for management of public use in the referred Park, visitors were interviewed during high season visitation in 2004. The results regarding the motivations and evaluations aspects of their visit reveal the existence of two main groups of visitors which shows conflicting views and behaviors. However, while the Park welcomes such diversified groups, the contact appreciation of the natural environment was shown as a link between them all, enabling management activities of public use which amplifies the quality of experience for every natural environment visitor.

Keywords: public use management; environmental perception; visitor experience quality.

¹Recebido para análise em 18.09.10. Aceito para publicação em 12.05.11. Publicado *online* em 16.06.11.

²ESALQ/USP, Departamento de Ciências Florestais, Av. Pádua Dias, 15, 13418-900 Piracicaba, SP, Brasil.

³Aluna de Pós-Graduação em Ciências Florestais ESALQ-USP.

⁴Autor para correspondência: Demóstenes Ferreira da Silva Filho – dfsilva@esalq.usp.br

1 INTRODUÇÃO

A busca por áreas naturais para atividades de lazer e recreação apresenta diversas motivações como a apreciação da natureza, escape de rotina e responsabilidades, exercício físico, competitividade e desafio, bem como relaxamento (Manning, 1999). A visitação em áreas naturais cresce expressivamente no mundo inteiro, e, no caso do Brasil, esta atividade se concentra, majoritariamente nas Unidades de Conservação da categoria Parque (Brasil, 2006). Segundo Kataoka (2004), o aumento do número de pessoas que buscam o convívio com ambientes naturais e a prática de atividades ao ar livre determinam que as Unidades de Conservação tenham de se preparar para esse aumento na demanda, por meio de ações de planejamento e manejo. Para entender tal processo, requer-se um olhar atento sobre o que aproxima e separa o visitante do meio ambiente. Tal olhar deve avaliar se uma visita à natureza é suficiente para proporcionar aos visitantes uma empatia com outras formas de vida, bem como uma interação pessoal com a natureza.

Existe uma preocupação com o fato de os visitantes receberem uma experiência genuína da área de destino (Cooper et al., 2001). Muitas vezes, quem visita uma área natural recebe uma orientação distorcida do local, e focados nas atrações sugeridas, não observam, não vêem a paisagem real e o seu contexto histórico-cultural, acarretando em uma perda de autenticidade na experiência individual ou coletiva.

Uma experiência de alta qualidade é o principal produto buscado por frequentadores de áreas naturais, e esta é determinada por diversos fatores, podendo ser: características ambientais; características do manejo e, ainda, formação sócio-cultural das próprias pessoas (Manning, 2000).

A experiência de cada visitante é singular, cada um extrai seu próprio significado de uma localidade particular baseado nas suas principais motivações, comportamento e preferências, estreitamente relacionados ao histórico de vida do indivíduo, sua origem e influências socioculturais. Sob essa ótica, um aumento no grau de satisfação em áreas naturais pode indicar apenas uma mudança no público, sem significar necessariamente um real aumento de qualidade,

uma vez que as experiências anteriores de cada visitante compõem a sua concepção pessoal de uma boa experiência (Hughes e Morrison-Saunders, 2003; Manning, 1999).

A frequência de visitas a áreas naturais amplia significativamente a apreciação e percepção do visitante com relação ao ambiente, uma vez que diversos estudos mostram que visitantes com mais familiaridade com o ambiente natural tendem a procurar locais mais primitivos, ao passo que o público menos experiente neste caráter pode receber experiências enriquecedoras mesmo de ambientes amplamente alterados pelo homem (Stankey, 1980; Hughes e Morrison-Saunders, 2003). A falta de hábito em apreciar e compreender os atributos de uma área natural, segundo Magro e Freixêdas (1998), faz muitos usuários trazerem hábitos urbanos para a área visitada, requisitando-a para práticas corriqueiras, como a realização de churrascos, o consumo de bebidas alcoólicas e o uso de equipamentos sonoros.

Quanto ao impacto ambiental gerado pela visitação, a percepção da maioria dos visitantes é bem limitada, em que, à parte de dejetos evidentes, visitantes raramente se queixam das condições do local e costumam classificar as condições como boas ou ótimas, mesmo que se encontrem severamente degradadas. Dessa forma, faz-se necessária a seleção de indicadores de impactos da atividade humana que não se baseie apenas na avaliação dos visitantes para a detecção eficaz de elementos e dissonância com os preceitos de preservação (Manning, 1999; Leujak e Ormond, 2006; Stankey, 1980; Takahashi, 1998).

No geral, a presença de outros visitantes nas proximidades influencia direta e indiretamente a qualidade da experiência. Quando a taxa de encontros entre grupos aumenta, muitos usuários tendem a sentir-se menos satisfeitos. É comum a ocorrência de conflito entre visitantes e comunidade local, bem como entre os próprios visitantes, em decorrência do excesso de ruídos sonoros, provocando desarmonia e insatisfação. Efeitos indiretos dessa aglomeração são observados na escassez e esgotamento de serviços e produtos buscados por visitantes, como espaço, água e infraestrutura básica (Menezes et al., 2008; Dutra et al., 2008).

Tendo em vista o manejo e a organização do uso público em áreas naturais, levantar as percepções dos visitantes quanto ao ambiente permite conhecer melhor este público, o que orienta ações de monitoramento e manejo da área. Cada visitante apresenta uma demanda peculiar e uma forma diferente de apreciar um ambiente. Portanto, algumas ações de manejo podem ser sugeridas após se conhecer o comportamento da maioria dos visitantes (Cooper et al., 2001), como realização de pequenos eventos e exposições de caráter condizente à Unidade de Conservação, alterações em instalações, em sinalizações e em painéis interpretativos além da proposta de novos roteiros, que satisfaçam seus visitantes e ofereçam novas formas de interpretar e interagir com o ambiente e a cultura local. Entretanto, as preferências dos visitantes não determinam, por si só, as decisões de manejo da área, sendo devidamente consideradas na seleção de padrões que indiquem melhorias nas condições da área para uso público (Takahashi, 1998).

Muitas vezes o estímulo em estabelecer relações harmônicas entre o ser humano e o ambiente natural é tão frágil, que promove uma concepção de meio ambiente pelo visitante essencialmente estética, como a de um estranho que julga a área pela aparência (Tuan, 1980). É, portanto, de suma importância que o visitante não desconheça a peculiaridade de uma Unidade de Conservação a fim de que sua conduta seja adequada às condições da área. Ao assumir o valor de áreas públicas como patrimônio natural, o visitante revê seu próprio comportamento, fazendo com que suas atividades não causem impactos negativos, cria mais oportunidades de contato com a natureza, e também aprimora, não apenas a própria, mas a qualidade da experiência no contexto do grupo como um todo (Leujak e Ormond, 2006). As decisões de manejo das áreas de conservação devem garantir sempre a conservação dos recursos biológicos ao mesmo tempo em que se aprimoram as oportunidades de recreação e contato de frequentadores com a natureza (Takahashi, 1998).

O presente artigo teve por objetivo compreender as relações entre o visitante e as áreas naturais, além de avaliar as características, preferências, impressões e percepções dos usuários

a fim de promover o manejo do uso público no Parque Estadual da Ilha Anchieta fornecendo sugestões de ações prioritárias.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Área de Estudo – Parque Estadual da Ilha Anchieta

A Ilha Anchieta localiza-se no litoral norte do Estado de São Paulo, entre as coordenadas geográficas 23°31' e 23°34' de latitude Sul e 45°05' de longitude Oeste de Greenwich, na costa do município de Ubatuba. O Parque abrange toda a Ilha com uma área total de 828 hectares, é administrado pela Fundação Florestal, órgão da Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo e sua criação decorreu do por meio do Decreto nº 9.629 de 29/03/77 (Fundação Florestal, 2010).

A Ilha é fortemente marcada pelos reflexos de seu passado histórico, observados até hoje. Em 1907, passou a funcionar o presídio Colônia Correccional do Porto das Palmas, passando por um período de desativação entre 1914 e 1930, ano em que passou a receber prisioneiros políticos. Hoje desativado, o presídio ocupa papel de destaque no componente histórico e arquitetônico da Ilha Anchieta. A intensa ocupação humana seguida de um longo período de abandono propiciou a regeneração parcial dos recursos naturais por aproximadamente vinte anos (Kataoka, 2004; Oliveira, 2000; Blank et al., 2009). A vegetação do Parque, inserida no bioma Mata Atlântica, apresenta frequentemente grandes grupos de samambaias arborescentes, inúmeras palmeiras e grande riqueza de lianas e epífitas (aráceas, bromeliáceas, orquidáceas e polipodiáceas) (Robim, 1999).

Ilha Anchieta foi eleita como área deste estudo não apenas por seu alto valor biológico e cênico, mas por aliar a situação de distanciamento do continente, que ocasionalmente gera expectativas de isolamento, ao ambiente recreativo típico de praias. Seu público tem padrões de comportamento muito distintos, influenciados por fatores como idade, sexo, aptidão física e mental, entre outros (Magro et al., 1990).

Dessa forma, é importante conhecer as expectativas e a qualidade das experiências dos diferentes visitantes atraídos por essa área natural.

2.2 Levantamento da Qualidade da Experiência dos Visitantes por Meio de Pesquisa Quanti-Qualitativa

A pesquisa qualitativa tem sua origem no campo das ciências sociais, com a adoção de um método que possa descrever e explicar fenômenos em sua área de interesse, hoje, outras áreas do conhecimento utilizam este tipo de abordagem como uma nova possibilidade de investigação. Esse tipo de pesquisa dá mais ênfase ao processo que ao produto, na medida em que se preocupa com as expectativas dos participantes e vem sendo utilizada para se analisar melhor aspectos ligados diretamente aos visitantes como, por exemplo, descobrir os fatores que influenciam na experiência do visitante, na medida em que expressam realmente os anseios dos visitantes da área (Godoy, 1995).

No presente estudo foi utilizado o método quanti-qualitativo, uma integração da análise quantitativa e qualitativa, permitindo identificar conceitos e variáveis relevantes de situações que podem ser estudadas de forma quantitativa, sem deixar de abranger a descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo (Goldenberg, 1998).

A coleta de dados ocorreu em dois locais: no edifício do antigo presídio e na praia das Palmas. O edifício do presídio abriga o centro de visitantes, um auditório, um laboratório, uma biblioteca e as ruínas do edifício desativado. Foram realizadas entrevistas, com questões fechadas e abertas, repercutindo em informações objetivas e outras de caráter mais subjetivo, referentes às atitudes, opiniões e valores dos entrevistados. Os períodos escolhidos para a entrevista foram aqueles que sabidamente apresentam visitaç o mais intensa: janeiro, Carnaval e P ascoa do ano de 2004. As informa es coletadas indicavam: condi es clim ticas do dia, embarca o utilizada pelo visitante, quantas visitas fez ao PEIA, quais as principais motiva es para visitar o Parque,

se o visitante j  visitara outra  rea natural, melhores e piores aspectos de sua visita, nota que ele atribui   visita como um todo e, por fim, se houve ou n o planejamento pr vio para a visita.

Os dados qualitativos ap s analisados atentamente foram distribuídos em algumas classes, tornando poss vel a futura correla o entre diferentes aspectos analisados. Considerando-se as seguintes vari veis: condi es clim ticas do dia, embarca o utilizada pelo visitante, quantas visitas fez ao PEIA, quais as principais motiva es para visitar o Parque, se o visitante j  visitara outra  rea natural, melhores e piores aspectos de sua visita, nota que ele atribui   visita como um todo e, por fim, se houve ou n o planejamento pr vio para a visita, o trabalho realizou o cruzamento entre essas diferentes vari veis com o aux lio da ferramenta “Tabela din mica” do programa Microsoft Office Excel (Microsoft Corporation, 2003). O uso da ferramenta permitiu que se inferissem as poss veis rela es entre as diferentes vari veis (rela o entre tipo de embarca o e o melhor aspecto da viagem; condi o clim tica e nota da avalia o, e outros).

3 RESULTADOS E DISCUSS O

Do total de 214 entrevistados, 27% foram ao Parque motivado pelos seus atributos naturais, 29% por curiosidade baseada em recomenda es, 24% buscavam recrea o e apenas 9% tinham como objetivo a tranquilidade, sugerindo uma alta satisfa o do p blico da Unidade de Conserva o – UC que resulta na indica o para parentes e amigos, consistindo uma importante ferramenta de divulga o do Parque (Tabela 1). J  quanto   escolha dos melhores aspectos de toda a visita, 50% dos visitantes mencionaram a natureza local, frente a apenas 8% que apreciaram preferencialmente a recrea o. Dessa forma, v -se claramente que os aspectos naturais provocam maior satisfa o nos usu rios, mesmo que n o fa am parte de sua motiva o inicial a visitar o local.

Tabela 1. Principais motivações iniciais e melhores aspectos de toda a visita.

Table 1. Main previous motivations and visit highlights.

Principais motivações à visita	Entrevistados	Melhor aspecto da visita	Entrevistados
Curiosidade	29%	Natureza	50%
Natureza	27%	História	18%
Recreação	24%	Tudo	17%
Tranquilidade	9%	Recreação	8%
Outras motivações	20%	Gestão do parque e funcionários	4%
		Tranquilidade	3%

Os aspectos escolhidos pelos visitantes como positivos se concentraram naqueles relativos à natureza (beleza cênica, fauna, flora e outros) do Parque, o que se explica pela presença de vegetação e atributos cênicos bem conservados, tanto no interior quanto na região costeira (Figura 1). Entretanto, visitantes em lanchas particulares (representados por 20% dos entrevistados) apresentaram maior tendência a optar por aspectos recreacionais (churrasco, interagir com família/amigos e outros) do que aqueles que utilizaram a escuna,

representado por aproximadamente 23% daquele público.

Quanto ao aspecto histórico do local, como a visita ao presídio desativado, o público mais cativado foi aquele transportado por escunas, sugerindo que visitantes conduzidos por lanchas particulares não transitam ou transitam pouco pelo ambiente interno da ilha, portanto menos exposto às fortes características históricas e naturais que satisfazem o público conduzido pelas escunas.

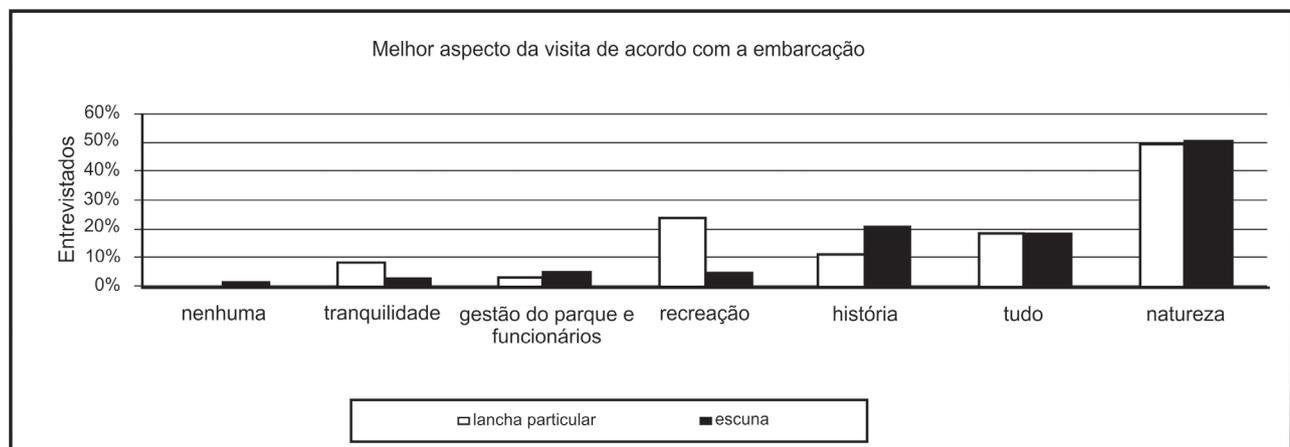


Figura 1. Diferenças na escolha do melhor aspecto da visita entre o público embarcado em lanchas particular e escunas.

Figure 1. Different visit highlights pointed between visitors arrived on private boats and schooners.

As principais queixas feitas durante a entrevista se referem à falta de equipamentos turísticos (opções de comércio, conforto e outros). Os resultados da Figura 2 permitem reconhecer que esse público é composto majoritariamente por visitantes cujas principais motivações incluíam *curiosidade e recreação*. Isso indica que esse público talvez desconhecesse as limitações de comércio e outras estruturas de assistência não prioritárias em Unidades de Conservação, especialmente naquelas de categoria Parque. Com exceção daqueles sem motivação à visita, quem buscava recreação foi

quem menos se incomodou com a presença de lixo pelo Parque, ou com a duração do passeio ou aglomeração. Outro público que se destacou foi o de visitantes em busca de tranquilidade, que se queixou principalmente da curta duração do passeio. Em seguida estão queixas de aglomerações e da presença de lixo. Visitantes em busca de contato com a natureza e tranquilidade relataram pouca insatisfação com respeito à falta de equipamentos turísticos e condição climática, mostrando-se mais afetados pela aglomeração, presença de lixo e curta duração do passeio.

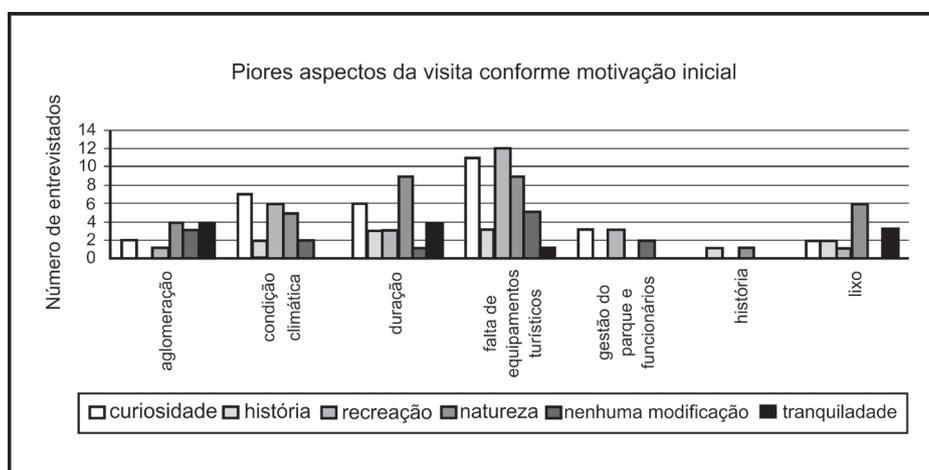


Figura 2. Público agrupado conforme sua motivação inicial distribuído em função dos piores aspectos da visita.

Figure 2. Visitors grouped by their previous motivations distributed according to the worst aspects pointed from the visit.

Dessa maneira é possível delimitar com maior clareza dois públicos destacadamente diferentes, aqueles que buscam tranquilidade e natureza de outro que busca atividades essencialmente recreativas. Consequentemente, aspectos que desagradam a um podem agradar ao outro, como é o caso da presença de equipamentos turísticos, que em excesso podem contribuir à perda da experiência de primitivismo buscada pelo outro público. Compreender esses dois públicos de frequentadores é essencial ao manejo das atividades de uso público na UC.

A condição climática, apesar de provocar queixas, como exposto na Figura 2, mostrou não influenciar de forma efetiva a nota de avaliação final da visita, apresentando até mesmo uma maior ocorrência de nota dez em dias nublados, diferindo do esperado, que seria obter melhores experiências do ambiente em dias não encobertos (Figura 3).

Um dado muito importante, e que reflete uma deficiência na comunicação entre a Unidade de Conservação e seus usuários é que ao serem questionados se já haviam visitado alguma área natural, 20% dos visitantes reincidentes no Parque afirmaram nunca, e pouco mais que 10% alegou não saber ao certo, mostrando que visitantes saem do PEIA sem ter ciência de que este consiste em uma área natural (Figura 4).

O caráter histórico do Parque mostrou maior adesão pelo público que visita a área pela primeira vez, sugerindo que poucos frequentadores antigos voltam ao local (Figura 5). Apenas pessoas que já estiveram no PEIA cinco ou mais vezes não definiram a melhor parte da visita, o que possivelmente demonstra um ponto de vista mais crítico com relação à qualidade de sua experiência baseada em suas visitas anteriores.

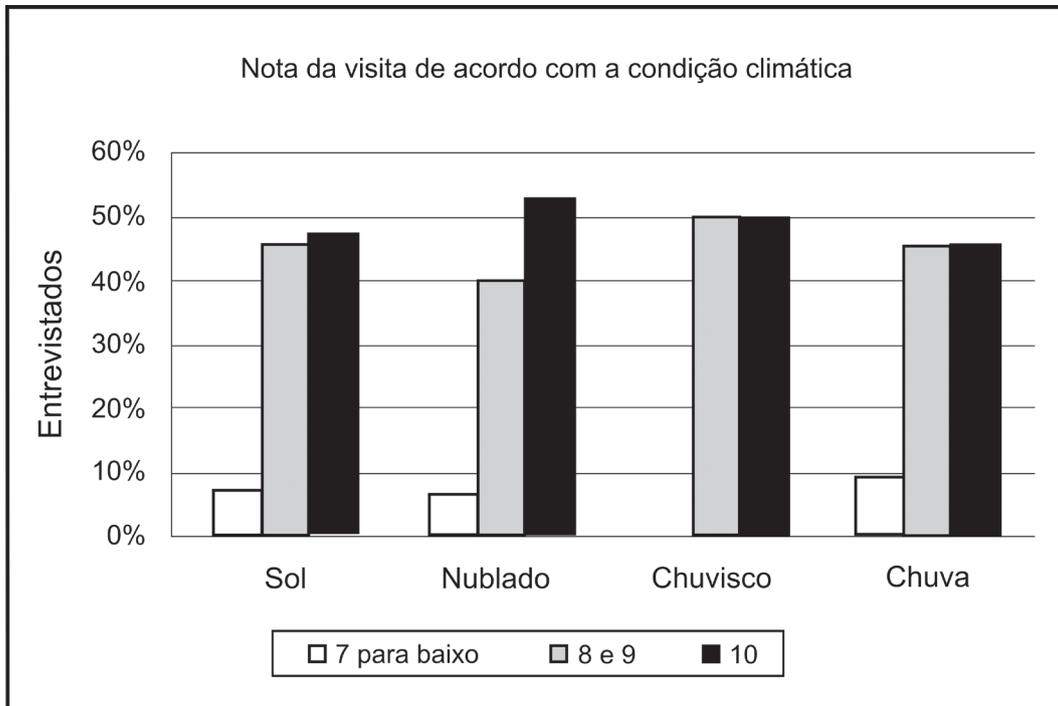


Figura 3. Notas atribuídas à visita agrupadas de acordo com as condições climáticas.

Figure 3. Visit evaluation marks grouped according to climate conditions.

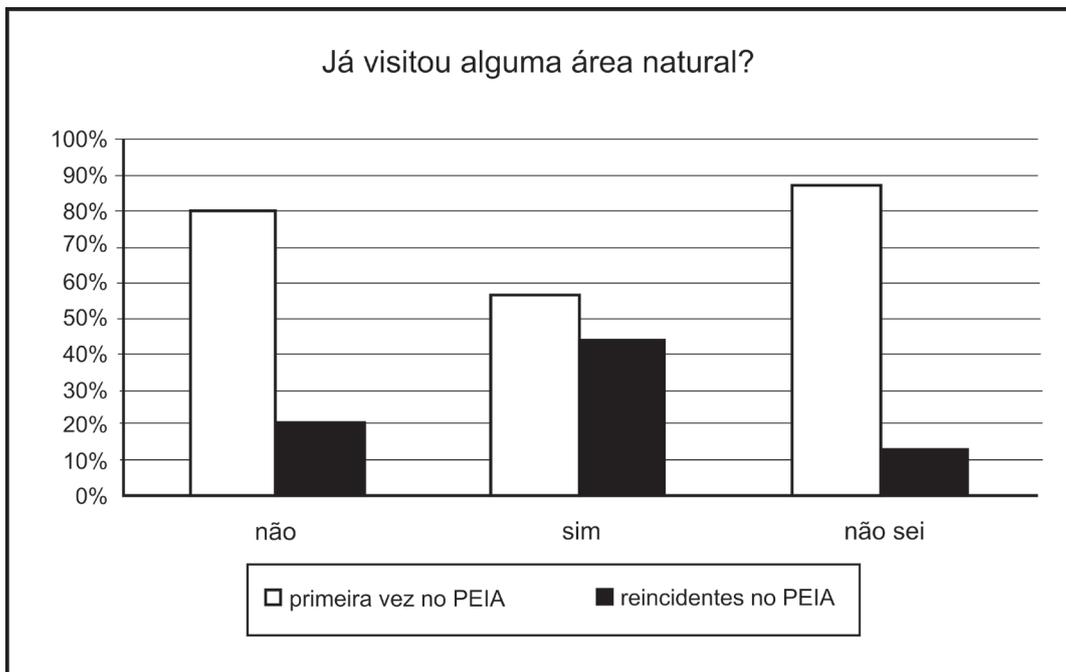


Figura 4. Respostas à pergunta “Você já esteve em alguma área natural?” agrupadas de acordo com a frequência de visitas feitas ao PEIA.

Figure 4. Answers to the question “Have you ever been to a natural area before?” grouped according to the amount of visits to PEIA.

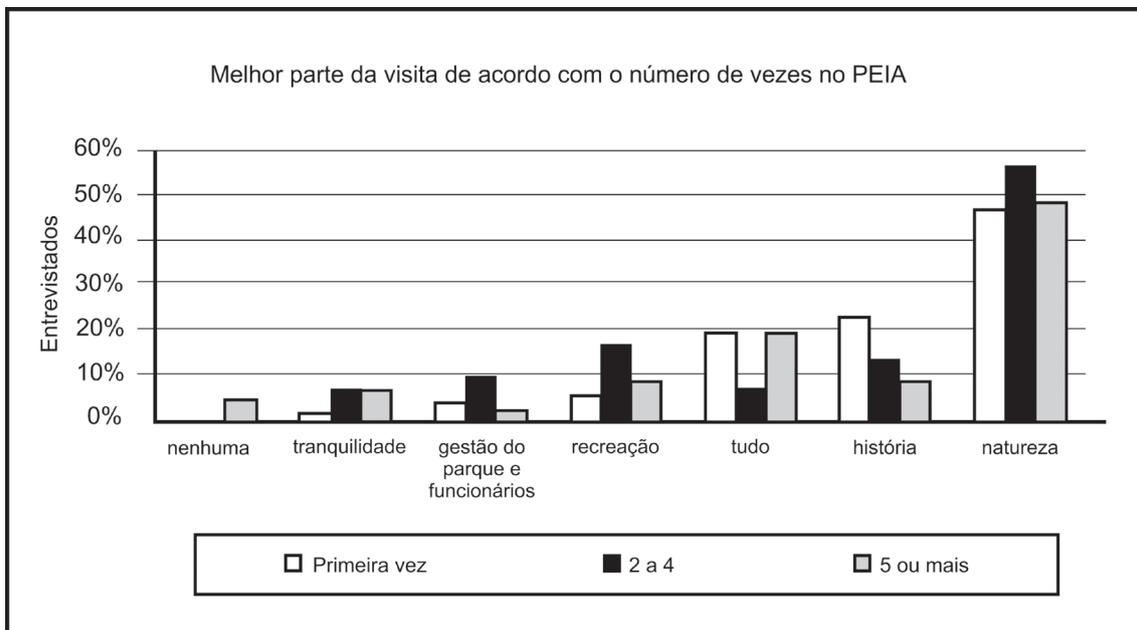


Figura 5. Melhor parte da visita conforme agrupamentos por frequência de visitas feitas ao Parque.

Figure 5. Visit highlight according to the amount of visits to the Park.

Os visitantes descreveram a qualidade da visita ao Parque como um todo, mostrando que, como era de se esperar, em períodos chuvosos ocorrem mais insatisfações do que em outras condições climáticas (Figura 6). Entretanto, a segunda maior ocorrência de insatisfações

se encontrou em dias ensolarados, ultrapassando 50% dos visitantes. Isso sugere que em dias ensolarados haja mais conflito decorrente do maior número de pessoas, apesar de o aspecto *aglomeração*, entre as críticas feitas à visita, não apresentar correlação direta com *condições climáticas*.

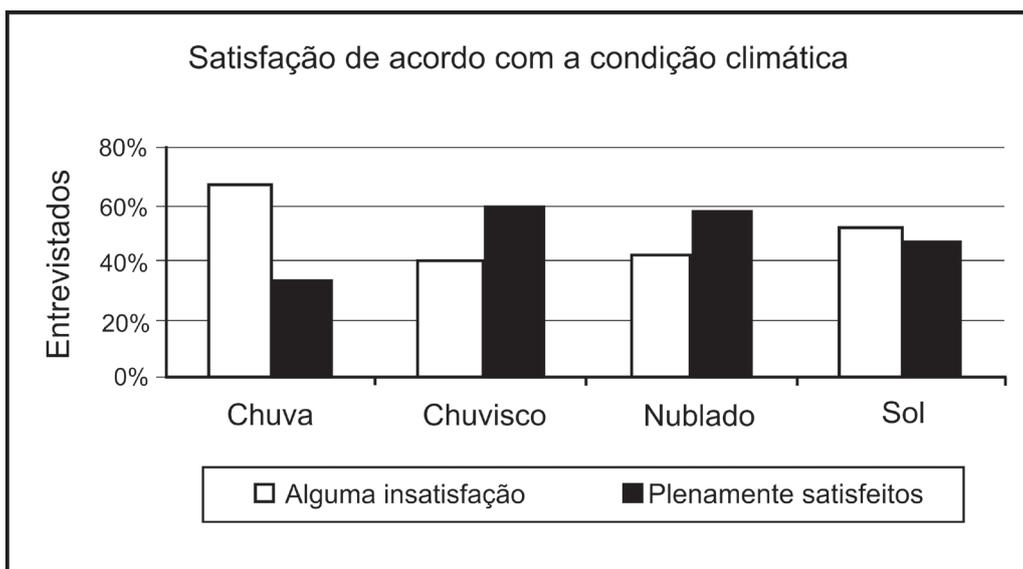


Figura 6. Frequência de insatisfações de acordo com a condição climática.

Figure 6. Frequency of dissatisfaction according to climate condition.

Aproximadamente 52% dos visitantes afirmaram não haver qualquer aspecto negativo em sua visita. Dentre aqueles que mencionaram algo, os visitantes conduzidos à Ilha por meio de escunas foram os únicos a se queixar de questões relacionadas à gestão do Parque e funcionários, assim como condição climática (Figura 7). O último, no entanto, consiste no fato de que visitantes transportados por lancha particulares terem mais flexibilidade para cancelar o passeio, sem comprometer agendamentos prévios, em caso de chuva. A presença de lixo impactou mais àqueles vindos em lanchas particulares, sugerindo que exista uma diferença entre esses dois públicos quanto à percepção de aspectos de preservação e limpeza da área, ou então uma maior exposição desse público e limpeza da área ou

então uma maior exposição desse público às áreas mais afetadas pelo lixo.

Pessoas que planejaram previamente sua visita à Ilha Anchieta mencionaram mais vezes a história local como melhor aspecto de sua viagem, enquanto aqueles que não planejaram, mostraram uma leve tendência a apreciar melhor a tranquilidade e a natureza oferecidas pelo Parque (Figura 8). Isso sugere que quem realizou o planejamento já tivesse conhecimento acerca do aspecto natural (praia e vegetação florestal) e não esperasse se deparar com o valor histórico-cultural da Ilha representado pelo presídio. Na mesma linha, quem não havia planejado, provavelmente, se surpreendeu ao encontrar uma área natural protegida, com remanescentes florestais e praias bonitas e tranquilas, deixando o aspecto histórico em terceiro lugar.

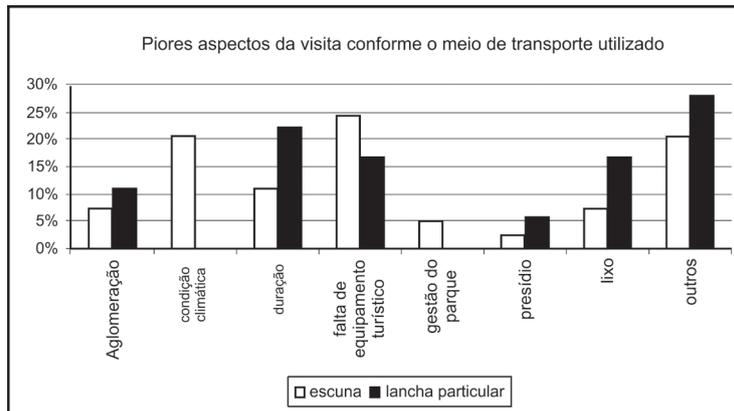


Figura 7. Piores aspectos da visita relacionados a agrupamentos de acordo com o transporte utilizado.

Figure 7. Worst visit aspects according to transport means used by each group.

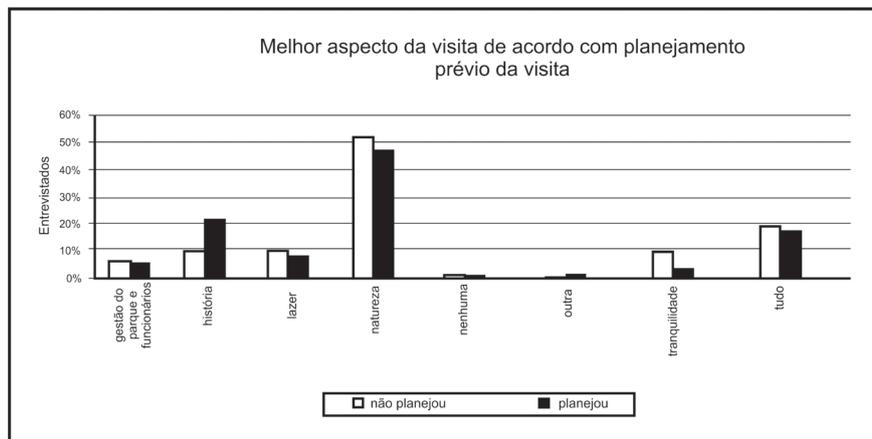


Figura 8. Melhores aspectos da visita relacionados a agrupamentos conforme a existência de planejamento prévio.

Figure 8. Visit highlights according to the existence of a previous planning.

4 CONCLUSÕES

O público do Parque Estadual da Ilha Anchieta diverge entre si quanto às motivações e preferências, dividindo-se em dois grupos nítidos: pessoas que buscam contato com a natureza e/ou tranquilidade e aquelas que optam por realizar atividades essencialmente recreativas, como churrascos, piqueniques e convívio com amigos. Frente a isso, as ações de manejo do uso público dentro da Unidade de Conservação devem levar em consideração essa variação entre os seus públicos, pois ao atender as expectativas de um grupo poderá, em contrapartida, desapontar outro grupo.

Outro ponto importante a ser avaliado se refere à mensagem que o Parque transmite aos seus visitantes, pois o fato de alguns frequentadores sequer tomar ciência de que o Parque se trata de uma área natural indica que não passaram por nenhum momento de interpretação ambiental focado na conscientização acerca dos objetivos da área natural como unidade de conservação de proteção integral.

Para o Parque Estadual da Ilha Anchieta, as ações de manejo do uso público devem ser acompanhadas de pesquisas, o que torna possível observar com rapidez os reflexos dessas ações sobre a percepção ambiental e a qualidade da experiência de todos os visitantes.

Um grande facilitador de futuras ações de manejo do uso público é o fato de parcela significativa dos visitantes do Parque Estadual da Ilha Anchieta encontrar os benefícios mais gratificantes de toda a visita durante o contato com o ambiente natural, mesmo quando este não constava em suas motivações iniciais. Dessa forma, o Parque tem a possibilidade de lançar mão de mecanismos que aproximem mais os visitantes da natureza, não apenas fisicamente, mas buscando nele mesmo um aliado à conservação, criando meios para informar quanto ao comportamento e à postura mais adequados à Unidade de Conservação e o respeito à presença de outros visitantes, para que seja possível que todos tenham a oportunidade de vivenciar uma experiência de boa qualidade na área protegida.

Esse trabalho pode ser realizado por meio de melhoras na divulgação do local, em que se enfatize o fato de o Parque ser uma Unidade de Conservação de proteção integral e o que isto significa. Também é válido o uso de placas informativas e interpretativas em pontos estratégicos de entrada e saída de visitantes e nos atrativos mais frequentados, que consistem em maiores focos de conflitos entre uso e preservação ou entre visitantes. Há também a necessidade de passar uma mensagem conservacionista por meio do discurso de funcionários e monitores do Parque, de modo que todos saibam transmitir os principais objetivos da Unidade de Conservação aos que a visitam (Hendee et al., 1999).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLANK, A.G. et al. **A pesca de cerco-flutuante na Ilha Anchieta, Ubatuba, São Paulo, Brasil.** São Paulo: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Instituto de Pesca, 2009. p. 1-18. (Série Relatórios Técnicos, n. 34).
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente – MMA. **Diretrizes para visitação em Unidades de Conservação.** Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas, Diretoria de Áreas Protegidas, 2006. 61 p.
- COOPER, C. et al. **Turismo: princípios e prática.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 396-404.
- DUTRA, V.C. et al. Caracterização do perfil e da qualidade da experiência dos visitantes no Parque Estadual do Jalapão, Tocantins. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 8, n. 1, p. 104-117, 2008.
- FUNDAÇÃO FLORESTAL. **Parque Estadual da Ilha Anchieta – HOTSITE.** Disponível em: <<http://www.fflorestal.sp.gov.br/hotsites/hotsite/index.php?hotsite=eeaec4252b24594c35acb79d67583a40>>. Acesso em: 20 ago. 2010.
- GODOY, A.S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 60-91.

HENDEE, J.C.; STANKEY, G.H.; LUCAS, R.C. **Wilderness management.** 2nd ed. Golden: North American Press, 1999. 537 p.

HUGHES, M.; MORRISON-SAUNDERS, A. Visitor attitudes toward a modified natural attraction. **Society & Natural Resources**, v. 16, n. 3, p. 191-203, 2003.

KATAOKA, S. **Indicadores da qualidade da experiência do visitante no Parque Estadual da Ilha Anchieta.** 2004. 113 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba.

LEUJAK, W.; ORMOND, R.F.G. Visitor perceptions and the shifting social carrying capacity of South Sinai’s coral reefs. **Environmental Management**, v. 39, p. 472-489, 2008.

MAGRO, T.C.; GRANJA, C.M.; MENDES, F.B.G. Características do usuário do Parque Estadual da Ilha Anchieta. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 6., 1990, Campos do Jordão. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Silvicultura, 1990. p. 766-772.

_____; FREIXÊDAS, V.M. Trilhas: como facilitar a seleção de pontos interpretativos, **Circular Técnica IPEF**, n. 186, p. 4-10, 1998.

MANNING, R.E. **Studies in outdoor recreation search and research of satisfaction.** Corvallis: Oregon State University Press, 1999. p. 194-206.

_____; LIME, D.W. Defining and managing the quality of wilderness recreation experiences. In: COLE, D.N. et al. (Comp.). **WILDERNESS SCIENCE IN A TIME OF CHANGE CONFERENCE**, 1999, Missoula. Ogden: United States Department of Agriculture, Forest Service, Rocky Mountain Research Station, 2000. p. 13-52. (Proceedings RMRS-P-15-VOL-4).

MENEZES, D.A. de et al. Conduta consciente e técnicas de mínimo impacto no Parque Estadual Pedra da Boca (PB). **OLAM – Ciência & Tecnologia**, v. 8, p. 316-334, 2008.

MICROSOFT CORPORATION. **Microsoft Office Excel for Windows Vista.** Seattle, 2003.

OLIVEIRA, S.M. de. **Ilha Anchieta: rebelião, fatos e lendas.** 2. ed. Pindamonhangaba: Gráfica e Editora São Benedito, 2000. 141 p.

ROBIM, M. de J. **Análise das características do uso recreativo do Parque Estadual da Ilha Anchieta: uma contribuição ao manejo.** São Carlos, 1999. 161 f. Tese (Doutorado em) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

STANKEY, G.H.; LIME, D.W. **Recreational carrying capacity: an annotated bibliography.** Ogden: United States Department of Agriculture, Rocky Mountain Experiment Station, 1980. 34 p. (Research Paper RM, n. 242).

TAKAHASHI, L.Y. **Caracterização dos visitantes, suas preferências e percepções e avaliação dos impactos da visitação pública em duas Unidades de Conservação do Estado do Paraná.** 1998. 129 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: DIFEL, 1980. p. 52-105.